



BREVES DIZERES DE UMA ARTE HÍBRIDA: A METALINGUAGEM ENQUANTO RECURSO ESTÉTICO NAS CRÔNICAS DE HILDA HILST

Aline Pires de Moraes (UNEMAT/IFMT)¹

Resumo: Neste trabalho, nosso olhar se volta para as crônicas hilstianas publicadas na coletânea *Cascos e Carícias* perscrutando o fazer metacrônico presente na sua produção cronística. Busca-se neste trabalho mostrar de que maneira a autora usa traços metanarrativos na produção de suas crônicas para tratar de temas comuns à condição humana e refletir acerca da condição da cultura e do escritor brasileiro.


Palavras-chave: Hilda Hilst; Crônica; Metalinguagem.

Antonio Candido em “A vida ao rés do chão” (1992) discorre acerca de uma possibilidade de caracterização do gênero crônica. Marcada por uma multiface que a aproxima do jornal, da história e da literatura, a crônica é notadamente um gênero híbrido. Segundo ele, o surgimento e evolução da crônica no Brasil conjuga-se ao desenvolvimento da imprensa, uma vez que ela se utilizou desse meio de comunicação para aproximar-se do leitor de jornal que buscava naquele espaço os matizes do literário, pois ali a matéria não ficcional, demudava-se em ficção. Eis a crônica, por um lado, uma escrita concisa cuja fruição é dinâmica; por outro uma miscelânea de convergências e de atributos.

Caracterizando-se a crônica como sendo “jornalismo e literatura”, as composições de tal gênero produzidas por Hilda Hilst privilegiam o uso poético da palavra dando voz a um narrador que pelo exercício crítico do dizer reflete sobre a sociedade e sobre a condição humana buscando representar num espaço, que é seu, uma realidade que lhe é própria.

Numa tentativa de caracterizar a escrita cronística de Hilda apontaríamos para uma escrita densa que desvela angústias de um sujeito que anela desnudar-se por meio de suas palavras; por isso suas crônicas não apenas ressignificam o conceito tradicional do

¹ Graduada em Letras (UFU), Mestre em Teoria Literária (UFU), Professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Mato Grosso – Campus Campo Novo do Parecis . Contato: morais_aline@hotmail.com.



gênero, mas estabelecem reflexões sobre o fazer literário, em que o cotidiano é pano de fundo para discussões de natureza teórica e poética.


O trabalho cronístico de Hilda Hilst não se constrói na tentativa incisiva de uma referencialidade, pois não deseja traduzir o real, mas sim elaborar a construção de uma realidade possível, já que ao buscar no jornal a matéria para sua escritura, a cronista reconstrói literariamente os fatos e os lapida para que permaneçam além da temporalidade que os consagram.

Certamente, isso Hilda Hilst faz com primazia, uma vez que a qualidade estética de seus textos e seu estilo debochado e irônico vieram sempre congregados a uma dicção que trouxe à tona o melhor de sua multifacetada obra, dando a ressonância sempre desejada, mas nem sempre alcançada, para sua obra que aqui se constitui como objeto de nosso estudo, uma vez que o riso, o deboche, o escárnio e a ironia sempre foram molas propulsoras empregadas por ela em suas crônicas para arrancar as máscaras da sociedade de seu tempo.

O modo ousado e perspicaz empregado em sua escrita, fizeram com que Hilda transformasse o espaço do *Caderno C* em um âmbito de discussões. Não apenas relativas às temáticas sociais e políticas, mas também ao debate acerca dos caminhos que conduzem à construção poética e seus critérios estéticos no anseio de uma originalidade que possibilitasse a ela uma aproximação com o público. Donde o uso da metalinguagem como artifício para desnudar o processo de produção de textos, e através dela, a autora possibilitar a manifestação da autoconsciência textual e a demonstração aos leitores de que escrever é um exercício reflexivo.

Por meio de uma escrita de crônicas que apontava para um trabalho metalinguístico, a cronista do *Caderno C* buscou explicitar seu grande descontentamento frente ao fato de se viver literariamente à margem, uma vez que mesmo com tão variada produção não alcançou um número grande de leitores e não foi reconhecidamente uma escritora canônica.

Em um inegável ato político, Hilst usou suas crônicas e seu espaço do jornal para burlar os esquemas editoriais que criticava e ampliar a circulação de sua obra ao citar



naquele espaço, poemas e trechos narrativos de sua autoria. Assim, o espaço da crônica no jornal é ‘subvertido’ pela autora e torna-se uma vitrine representativa de toda a sua obra “Estou conseguindo o que pretendi, ou seja, chamar a atenção para o meu trabalho. Encaro isto como um ato político. Ato político não é só sair por aí com bandeiras ou metralhadoras”. (HILST *apud* DESTRI & DINIZ, p. 33)


Hilda Hilst faz das crônicas publicadas semanalmente no jornal *Correio Popular* um espaço de diálogo em que discute problemas políticos e sociais buscando representar os anseios de uma sociedade cansada que muitas vezes prefere o silêncio a um clamar que não é ouvido, e é a esse silêncio que a escrita hilstiana dá voz.

E essa voz não é aquela leve, descompromissada e inocente, que há muito foi caracterizada como própria da crônica. Hilst imprime em seus textos para o jornal uma dicção forte, irônica, lancinante e pungente, característica peculiar de seus textos de ficção, poema e teatro, e que na crônica aparece para compor, juntamente com aqueles, o perfil estético de suas obras.

A tríade literatura, fazer literário e escritor sempre serviu de mote para a escrita literária de vários autores da literatura brasileira e mundial. Focalizar o próprio fazer literário, enquanto tema de suas obras foi estratégia utilizada por muitos autores, em diferentes períodos da história literária, para aclarar seus diferentes processos de criação e desvelar concepções que norteiam sua prática escritural.

A função metalinguística na linguagem literária, muitas vezes, assume papel semelhante. O escritor, ao refletir sobre a linguagem, desnuda para o leitor a gênese de sua escrita, compartilhando com ele seu processo criativo. Desse modo, o texto predominantemente metalinguístico é “aquele que se pergunta sobre si mesmo e nesse questionamento constrói-se contemplando ativamente sua construção, numa tentativa de conhecimento do seu ser [...] uma dessacralização do mito da criação” (CHALHUB, 1998, p. 42 - 43).

O emprego da linguagem autorreflexiva como recurso que instaura o discurso autoral, coloca-nos frente a questões que colaboram para a compreensão de problemas




que dizem respeito à ideia que um determinado autor ou uma época tem da literatura ou de um gênero.

Na crônica “Por que, hein?” Hilst mescla aspectos metalinguísticos a uma abordagem que busca tratar de questões que revelam sua tomada de consciência frente a problemas sociais que inserem a literatura em um debate mais amplo do que o estético. Já no início da crônica a autora parece referir-se à incompreensão dos leitores em torno de sua escrita, uma vez que exhibe uma escrita que não procura atender a uma expectativa do leitor habitual desse gênero textual, ou seja, de encontrar um texto leve e de linguagem simples.

Por que, hein?

Se você não quiser ser compreendido, fale sempre através de parábolas. As pessoas, em geral, adoram não compreender. Isso não quer dizer que vão ler teu livro se ele for incompreensível. Mas hão de comprá-lo. É bonito ter em casa alguma coisa que não se compreenda. Experimente. Dê uma de Deleuze, Guattari e Michaux. Mande fazer a tal mesa esquizofrênica. Uma mesa onde ninguém possa escrever nem colocar coisa alguma sobre ela, feita de tal jeito que tudo escorregue ou se quebre. Pode ter certeza que todos vão adorar! Você entendeu, por acaso, por que Cristo secou aquela pobre figueira sem figos?

Na verdade era inverno e a coitadinha não podia dar figos ainda que quisesse. Ah!, mas é tão bonito não compreender! Aparecem mil e uma interpretações desse único ato. Mil e uma interpretações frutuosas e frutíferas... E a vida pode ser um tédio de tão nojosa. Você entende, por exemplo, por que crianças e adolescentes adoram filmes de terror e de violência? Sangue, vampiros, estacas, garras, matanças, putrefação, uivos... E você sorri e diz que é assim mesmo com teu filhinho criança ou adolescente... que é brincadeira, que é natural nessa fase da vida gostar de sentir medo... E depois os psicólogos dizem que etc. etc. Ah, é? Por isso é que os de antes adolescentes (agora adultos) andam comendo literalmente tanta gente! Aquela russa que um dia desses comeu o coração (achou saboroso) e o fígado (achou amargo) do marido, viu o filme de terror da revolução (quando criança ou adolescente) e deve ter achado “um barato”, “legal”, mãe. E aquele americano que comeu as partes pudendas (como diria o abade) de tantos rapazitos, desde criancinha que ele vê a América e mora ali. O que eu escrevo nestas crônicas lhes parece incompreensível e nojento? Os buracos negros também são incompreensíveis e nojentos, pois engolem tudo (a consciência talvez não, segundo Hawking, e isso me parece obsceno de tão nojento!) e todo mundo agora fala deles. Essa modesta



articulista que sou eu, escreveu textos e poemas belíssimos e compreensíveis, e tão poucos leram ou compraram meus livros... Mas agora com essas crônicas... que diferença! Como telefonam indignados para o por isso eufórico editor deste caderno, dizendo que sou nojenta! Obrigada, leitor; por me fazer sentir mais viva e ainda por cima nojenta! Isso é tão mais, tão mais do que nada! Como disse Schucking: “Os artistas são sensíveis e vivem, como os deuses, do incenso. Sem incenso não há deuses. A estima dá asas a seus talentos”. Permitam-me terminar com uma parábola-pergunta: por que os dentes caem quando estamos velhos, mas ainda vivos, e permanecem eternos nas nossas límpidas e luzidias caveiras?


(segunda-feira, 21 de dezembro de 1992)

(HILST, 2007, p.26-28)

Já no primeiro parágrafo da crônica lê-se uma caracterização crítica acerca da profissão escritor. Segundo é apontado, nas entrelinhas, muitos autores ficam relegados a não figurarem no rol de escritores mais lidos em razão de não optarem por uma facilitação do dizer literário. Aqui encontra-se, na verdade, uma das propostas de Hilst para a crônica: uma escrita que mergulha na profundidade da linguagem para tratar do cotidiano, enquanto matéria apreendida da realidade que no literário recebe um tratamento estético.

Ao considerar que uma escrita por parábolas torna a compreensão de um texto inacessível para muitos e, por isso mesmo, capaz de despertar o interesse de um público leitor que acha ‘bonito’ ler algo que não compreende, a crônica sugere a hipocrisia do homem frente à construção do saber e faz, implicitamente, uma crítica àqueles que tem suas bibliotecas com volumes de grandes nomes da produção intelectual mundial apenas como objetos de decoração, mas nunca abriam sequer uma página para ler. A crítica aqui é também àqueles que dominam o dom da oratória, mas possuem conhecimento raso sobre os assuntos que se propõem a discutir, e Hilst destaca: “É bonito ter em casa alguma coisa que não se compreenda”.

Além disso, uma característica das parábolas é a escrita metafórica e o uso de analogias. Assim, ao sugerir já nas palavras iniciais da crônica que escrever por parábolas é uma forma de não ser compreendido, a autora ousa e conclui que “as pessoas, em geral, adoram não compreender”. Esta negação implica em um juízo que aponta para a recusa de que se lê para entender e conhecer mais e melhor sobre determinados assuntos, o que



acaba por ter como consequência, segundo o narrador, a concepção de que os autores com maior vendagem não são necessariamente lidos.

Por meio da conjunção subordinativa condicional ‘se’ que marca o início do período “Se você não quiser ser compreendido fale sempre através de parábolas”, vê-se sugerida uma técnica para um grupo específico de autores, aqueles que não querem mesmo ser compreendidos e anseiam mesmo a incompreensão: “Experimente. Dê uma de Deleuze, Guattari e Michaux. Mande fazer a tal mesa esquizofrênica”. Tal sugestão, reforçada pelo uso dos verbos no imperativo, dá a entender que o narrador hilstiano sabe da eficácia desta estratégia de escrita e ratifica: “Pode ter certeza que todos vão adorar!”.


A crônica de Hilda é ainda uma crítica a uma crença cega em tudo que lemos: ela refuta por via científica as interpretações conhecidas de textos bíblicos apontando que é mais fácil concordar com o que é dito do que questionar e buscar respostas, e por isso é mais fácil não compreender ou ‘fingir’ compreender, pois a compreensão oblíqua ou até mesmo a incompreensão não nos torna seres questionadores nos fazendo acreditar em tudo que é dito e posto como correto e verdadeiro.

A metalinguagem é um recurso que aparece neste texto de Hilst para aclarar a escrita do próprio texto, que usa tal recurso não somente para discutir aspectos de sua escrita, mas também para explicar sobre outros textos, como faz com a parábola da Figueira Seca, mostrando ao leitor que o texto é um artefato polissêmico. Ademais, podemos ver aqui, ainda que implicitamente, uma crítica à ideia de que crer-se, sem compreender, decorre do vigor de uma fé que nos deixa cegos.

A recorrência a explicações dentro do texto faz da metalinguagem uma estratégia estética em que além de recorrer à linguagem para uma autoexplicação acerca do ato autoral, ainda serve de mote para que a autora destile sua ironia, como faz no segundo parágrafo da crônica “Por que, hein?”. Ali, a verve irônica do narrador hilstiano se traveste metalinguisticamente para explicar comportamentos que conduzem aos juízos de valor negativos que muitas vezes foram atribuídos a essas produções, como se vê sinalizado em: “O que eu escrevo nestas crônicas parece incompreensível e nojento? ”

No próprio título da crônica, a pergunta “Por que hein?” nos remete a uma busca constante de explicação sobre as questões da recepção e do fazer literário.

A crônica focaliza o desprestígio da escrita em uma sociedade pouco intelectualizada, onde grande parte dos leitores não conseguem acompanhar os meandros,



as ironias, os subentendidos de sua linguagem, o que permite que façamos uma associação com o descontentamento da autora por não ter sido amplamente lida. Lembremos seu lamento na crônica em exame: “Essa modesta articulista que sou eu, escreveu textos e poemas belíssimos e compreensíveis, e tão poucos leram ou compraram meus livros.”

Em entrevista à Nádía Timm, ao responder à pergunta: “A senhora já declarou que escreve de modo simples e que é um absurdo não a entenderem. A qualidade de seu trabalho, em forma e conteúdo, está além de nossa época?” Hilst declara:

Minha linguagem é inovadora sim, e essencialmente poética. Não obedece a convenções gramaticais, tem outro ritmo porque não pensamos nem sentimos de forma simplizinha, organizada ou linear. Sei que não escrevo do jeito que a grande maioria dos leitores está acostumado a ler. A forma é inovadora, mas não incompreensível, dizer que sou incompreensível é bobagem. Eu escrevo em português. Tem um amigo meu, o Edson, que recomenda que eu seja lida em voz alta. A linguagem, para mim, é o que justifica você contar alguma coisa, porque as histórias, há milênios, são sempre as mesmas. O homem não mudou, nossos questionamentos e pavores são os mesmos, não modificamos nenhuma das nossas realidades essenciais, nossas emoções, ainda nascemos e morremos como desde sempre, apesar da luta dos cientistas e dos místicos para alterar isso. (TIMM, 2007, s. pág.)

No entanto, ao mesmo tempo em que destaca o pequeno número de leitores que se dedicaram a ler sua obra, Hilst aponta que a sua produção semanal para o jornal *Correio Popular* causou certo ‘furor’ na sociedade campineira: “Mas agora com essas crônicas: que diferença! Como telefonam indignados para o por isso eufórico editor deste caderno, dizendo que sou nojenta!”. Sabe-se que a produção literária de Hilst teve sempre uma repercussão reticente por fatores que já foram e que serão elencados neste trabalho. Contudo suas crônicas, seja pela linguagem usada ou pelo modo como tratou os temas selecionados, foi sempre motivo de grande repercussão, e os leitores expressavam a sua indignação por meio de ligações ou cartas para o editor do jornal às quais ironicamente Hilst agradece: “Obrigada, leitor, por me fazer sentir viva e ainda por cima nojenta!”.

Outro aspecto relevante na crônica que estamos analisando é o modo como a autora faz inferências irônicas quando trata dos comportamentos violentos tão comuns na sociedade de nossos dias: “Aquela russa que um dia desses comeu o coração (achou saboroso) e o fígado (achou amargo) do marido, viu o filme de terror da revolução

(quando criança ou adolescente) e deve ter achado ‘um barato’, ‘legal’, mãe”. Espera-se que a abordagem de um assunto tão sério como este seja desenvolvido de modo sério, mas Hilst suscita o riso - Quem acharia saboroso comer um coração e amargo um fígado, ao mesmo tempo em que consideraria isto ‘barato’, ‘legal’?. É justamente ao propor essas adjetivações insuspeitadas que a crônica torna - se especialmente provocadora e crítica.

Por fim, o narrador hilstiano brincando e retomando a prerrogativa com que deu início ao texto, lança um enigma: “Permitam-me terminar com uma parábola-pergunta: por que os dentes caem quando estamos velhos, mas ainda vivos, e permanecem eternos nas nossas límpidas e luzidias caveiras? “, provoca o riso e deixa a dúvida. Talvez não queira mesmo ser compreendido...

Referências bibliográficas

BIONE, Carlos Eduardo. *A escrita crônica de Hilda Hilst*. 2007. 216 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós - Graduação em Teoria da Literatura, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7859>>. Acesso em: 25 nov. 2014.

CANDIDO, Antonio. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1992.

CHALHUB, Samira. *A metalinguagem*. São Paulo: Ática, 1986

DESTRI, Luísa. *As entrevistas de Hilda Hilst*. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/teresa/article/viewFile/98612/97267>>. Acesso em 02/05/2017.


DINIZ, Cristiano (org.). *Fico besta quando me entendem: entrevistas com Hilda Hilst*. São Paulo: Globo, 2013.

DUARTE, Lélia Parreira. Arte & manhas da ironia e do humor. In:_____. *Ironia e humor na literatura*. Belo Horizonte: PUC Minas; São Paulo: Alameda, 2006. p. 17-50.

_____. Artimanhas da ironia. *Boletim do Centro de Estudos Portugueses*, vol. 11, nº 13. Belo Horizonte: Faculdade de Letras de Minas Gerais, 1991.

HILST, Hilda. *Cascos e carícias: crônicas reunidas*. São Paulo: Globo, 2007.

_____. *Cascos & carícias: crônicas reunidas*. São Paulo: Nankin Editorial, 1998.



KIERKEGAARD, Soren. *O conceito de ironia*. Trad. Álvaro Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LIMA, César Garcia. Hilda Hilst e a crônica como espaço de subversão metanarrativa. *Revista.doc*. Rio de Janeiro, v. 3, n. , p.1-14, Janeiro/Junho 2007. Semestral. Disponível em: <http://www.revistapontodoc.com/3_cesargl.pdf>. Acesso em: 02 Abril 2015.

MUECKE, D. C. *Ironia e o irônico*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1995. 134 p.

PÉCORRA, Alcir. *Por que ler Hilda Hilst*. São Paulo: Globo, 2010.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 2008

SILVA, Luciana D'Ávila da. *Hilda Hilst e a crônica: Uma difícil tarefa de versar sobre o cotidiano*. 2015. 74 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2015. Disponível em: <[http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/6131/DISSERTAÇÃO LUCIANA DAVILA.pdf?sequence=1](http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/6131/DISSERTAÇÃO_LUCIANA_DAVILA.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 05 jun. 2016.